

Os homens entre si

por Alain de Benoist

Legio Victrix - 6 de junho de 2011

"Com os clubes e as sociedades secretas, afirma Lionel Tiger, 'os homens fazem a corte aos homens'. As grandes confrarias profissionais, as corporações estudantis, as ordens, as sociedades secretas são meios de reforçar (e de exaltar) o vínculo intermasculino. Seja no colégio ou no exército, as cerimónias de iniciação, por vezes bizarras e mesmo cruéis, evocam os ritos de passagem da puberdade (com a transposição que se impõe: é-se adulto quando se detém o conhecimento ou o poder) e apertam os laços entre iniciados. Os clubes femininos, pelo contrário soçobram regularmente na desordem e nos mexericos.

(...) Tiger lembra que o homem, em relação à mulher, é ao mesmo tempo mais racional e mais irrazoável. O homem sabe que se lança por vezes em aventuras sem esperança, que enfrenta desafios extravagantes. Mas ele pensa que não deve dar o braço a torcer. Esta concepção do sacrifício inútil decorre directamente de uma ética de honra. A mulher, ela, vê as coisas de outro modo. Ela reprova ao homem o seu orgulho. Ela acusa-o de correr atrás de quimeras, e de negligenciar as suas responsabilidades familiares. Para ela, nunca se dá o braço a torcer quando se é razoável. No fim de contas, o homem é sempre uma criança. Os alemães têm uma palavra para isto: Das Kind im Manne — a criança que, no homem feito, é a memória viva de um passado sempre destinado a inspirar o futuro.

Montherlant dizia que um homem sem criança é um monstro horrível. Nietzsche, ao contrário, propunha pôr na acção a seriedade que a criança põe no jogo — quer dizer, precisamente, consideraras coisas sérias como um jogo. Daí, no homem, essa nostalgia dos lugares de infância e dos amores adolescentes — dos quais Jules Romains pode dizer que são uma mistura de angelitude e de obscenidade. As sociedades que acentuam a segurança, o conforto, às quais repugna o risco, são sociedades em que os valores masculinos estão em declínio. «Faça amor, não a guerra» é um slogan feminino que se traduz por: «Façam-nos amor, não façam guerra entre vocês».

O homem nunca acaba, como nos tempos da sua infância, de ir aos ninhos de pássaros. Não tanto pelos ninhos, aliás, mas para trepar ao alto das árvores. Ele quer sempre ir mais longe, mais depressa, mais alto. Ele tem prazer na competição, ele admira os records. A mulher pergunta «para que é que isso serve». É por isso que cabe à mulher preservar o que o homem adquiriu. A sociedade mantém-se assim — e renova-se eternamente.

Alain de Benoist *in* "Nova Direita, Nova Cultura – Antologia crítica das ideias contemporâneas".